

“O livro vermelho” como objeto comunicacional: cultura material, consumo e narrativas políticas na Revolução Cultural Chinesa

“The Little Red Book” as a Communicational Object: Material Culture, Consumption and Political Narratives in the Chinese Cultural Revolution

“El Libro Rojo” como objeto comunicacional: cultura material, consumo y narrativas políticas en la Revolución Cultural China

Amanda Santos de Oliveira¹
Manuela do Corral Vieira²

Resumo: No presente artigo objetiva-se compreender “O livro vermelho”, de Mao Tsé-Tung, como objeto central na construção e sustentação das narrativas políticas da Revolução Cultural Chinesa a partir da perspectiva da cultura material e do consumo. Sabendo que objetos carregam imaterialidades – como ideologias e mensagens políticas –, buscou-se compreender como um item aparentemente simples foi estrategicamente estruturado para fixar o pensamento maoísta no cotidiano da comunidade chinesa. Para tanto, foram realizadas entrevistas com pessoas nascidas na China, além da análise de referencial teórico correspondente (Leese, 2011; Li, 2003; Pomar, 2003). Observou-se que a estrutura compacta, a linguagem acessível e a portabilidade do livro, contribuíram significativamente para a sua ampla absorção durante a Revolução Cultural. Esses elementos facilitaram práticas coletivas de leitura, recitação e cópia e o transformaram em um item de consumo ritualizado, reforçando a lealdade ao movimento.

Palavras-chave: O livro vermelho; cultura material; consumo; Revolução Cultural Chinesa; narrativas políticas.

Abstract: In this article aims to understand Mao Zedong's “Little Red Book” as a central object in the construction and sustenance of the political narratives of the Chinese Cultural Revolution, from the perspective of Material Culture and Consumption. Knowing that objects carry immaterialities – such as ideologies and political messages – we sought to understand how a seemingly simple item was strategically structured to embed Maoist thinking in the daily life of the Chinese community. To this end, interviews were conducted with people born in China, in addition to analyzing the corresponding theoretical framework (Leese, 2011; Li, 2003; Pomar, 2003). It was observed that the book's compact structure, accessible language, and portability contributed significantly to its widespread absorption during the Cultural

¹ Universidade Federal do Pará (UFPA), Pará, Brasil, amsantosd@gmail.com.

² Universidade Federal do Pará (UFPA), Pará, Brasil, manuelacorralv@yahoo.com.br.

Revolution. These elements facilitated collective practices of reading, recitation, and copying, transforming it into an item of ritualized consumption, reinforcing loyalty to the movement.

Keywords: The Little Red Book; material culture; consumption; Chinese Cultural Revolution; political narratives.

Resumen: En el presente artículo se objetiva comprender “El libro rojo”, de Mao Tsé-Tung, como objeto central en la construcción y el sostenimiento de las narrativas políticas de la Revolución Cultural China, desde la perspectiva de la Cultura Material y el Consumo. Sabiendo que los objetos conllevan inmaterialidades – como ideologías y mensajes políticos –, se buscó comprender cómo un artículo aparentemente simple fue estratégicamente estructurado para fijar el pensamiento maoísta en la vida cotidiana de la comunidad china. Para ello, se realizaron entrevistas a personas nacidas en China, además de analizar la referencia teórica correspondiente (Leese, 2011; Li, 2003; Pomar, 2003). Se observó que la estructura compacta, el lenguaje accesible y la portabilidad del libro contribuyeron significativamente a su amplia absorción durante la Revolución Cultural. Estos elementos facilitaron las prácticas colectivas de lectura, recitación y copia, y lo convirtieron en un artículo de consumo ritualizado, reforzando la lealtad al movimiento.

Palabras-clave: El Libro Rojo; Cultura Material; Consumo; Revolución Cultural China; Narrativas Políticas.

1 INTRODUÇÃO

Estudar cultura material é entender que um único objeto pode ter seu uso desdobrado de diversas formas, bem como comunicar inúmeros significados e agenciar inúmeras mensagens. A verdade é que, mesmo que os consideremos simples, transparentes, compreensíveis, os objetos nunca os são; a presença dos itens (como a própria palavra antecipa) materializa presenças existentes dentro de nós – conscientemente ou não. Miller (2013) afirma que coisas, todo o sistema de coisas, fazem de nós as pessoas que somos; em outras palavras, não há separação entre sujeitos e objetos.

Dentro das possibilidades e potencialidades simbólicas dos objetos, pode-se afirmar que as coisas têm propriedades políticas e podem incorporar formas específicas de poder e autoridade (Winner, 1986). São muitas as alternativas de usos e sentidos. Os significados agenciados pelos objetos são dinâmicos, o que acirra a disputa pelo monopólio desses simbolismos. Além disso, as coisas podem ter sua definição variada de acordo com o lugar e o contexto em que são analisadas e consumidas.

Em suma, o universo material não se situa fora do fenômeno social, com uma função de mera sustentação; ao contrário, faz parte dele “[...] como uma de suas dimensões e

compartilhando de sua natureza, tal como as ideias, as relações sociais, as instituições” (Rede, 1996, p. 274). Por seus usos (e desusos) informarem politicamente, socialmente e culturalmente parte de nós aos outros (e a nós mesmos), é comum encontrar objetos e simbolismos em momentos políticos específicos, bem como movimentos sociais e revoluções. A esfera política detém um sistema próprio da materialidade – que também mobiliza outros âmbitos sociais, tendo em vista que o mundo é dinâmico e repleto de intersecções.

A política, por ser atravessada pela cultura material – mas não apenas por ela, é entendida no presente trabalho como uma esfera comunicacional, porque existe uma comunicação desdobrada dos símbolos e agenciamentos dos objetos que compõem esses cenários. Muniz Sodré, ao debater sobre palavra “comunicar”, afirma que, originalmente, o termo tem sentido de “agir em comum”; ou seja, os indivíduos são comunicantes não porque falam, mas porque “[...] organizam mediações simbólicas – de modo consciente ou inconsciente em função de um comum a ser partilhado” (Sodré, 2014, p. 7). O autor diz ainda que as forças desse comum podem ser percebidas a partir de palavras, gestos, sinais e, adotando a perspectiva do estudo, também como cultura material, existente nos movimentos políticos que rotacionam as existências de cada sujeito, em cada contexto.

As camisas da seleção brasileira durante as eleições presidenciais de 2022, as quais declaravam o apoio a um candidato específico; a budiónovka, distintivo em forma de chapéu, utilizado por militares comunistas russos e hoje readaptada para o que chamam de “boina comunista”; a bandeira japonesa Kyokujitsu-ki, ou “Bandeira do Sol Nascente”, utilizada pelas forças armadas entre 1889 e 1945, durante a exploração japonesa de países como a Coreia e China – todos esses símbolos (Figura 1) foram/são consumidos simbolicamente e atuaram/atuam como facilitadores de circulação de narrativas políticas. Assim como os cenários mencionados, a Revolução Cultural Chinesa também possui o próprio sistema de coisas que foram simbolicamente consumidas por indivíduos durante o período e transpassadas pelos discursos políticos.

Figura 1 - Camisas da seleção, budiónovka e Kyokujitsu-ki, respectivamente



Fonte: Colagem feita a partir de fotos disponíveis em: <https://www.gettyimages.com.br/>. Acesso em: 1º jul. 2025.

Na Revolução Cultural Chinesa (1966-1976) – movimento liderado por Mao Tsé-Tung que provocou intensas mudanças no cenário econômico, social e político da China (Li, 2001) – alguns objetos e símbolos foram fulcrais para estimular os desdobramentos da revolução, bem como atizar determinados sentimentos nos chineses, como o pertencimento ao movimento, e até mesmo contribuir para a criação de memória do período. Diante dos vários símbolos (i)materiais da revolução, apresenta-se, no presente artigo, uma análise da obra “O livro vermelho”, uma coletânea de citações de Mao Tsé-Tung organizada por Lin Biao, líder militar chinês.

A materialidade dos objetos desempenha um papel fundamental em processos políticos e ideológicos. No caso da obra “O livro vermelho” a onipresença e o uso ritualizado o transformaram em um mediador essencial da mensagem maoísta (Leese, 2011). A comunicação, nessa dinâmica, não ocorre apenas por meio de discursos e textos, mas também pela relação das pessoas com objetos que organizam significados e práticas sociais. Por isso, entender a difusão e o uso desse livro permite compreender como determinados itens consumidos diariamente se tornam veículos de comunicação e reforço ideológico.

Mesmo que, ao se pensar em consumo, os alcances tangíveis venham instantaneamente como exemplo, o consumo é mais que o processo de venda e de compra de um produto. Ele medeia trocas simbólicas, repassa e difunde ideias – e por isso, o consumo é também comunicação. O consumo, como ato simbólico e mediador, é renovado e retroalimentado ao ser espalhado, massificado e complexificado em diferentes contextos. Ele torna capaz o “entendimento das relações entre as pessoas e delas com os objetos [...] que expressam por sua vez, mecanismos complexos acerca de seus quereres, importâncias e

afetos” (Perez, 2020, p. 85). Pensando na China que conhecemos hoje – e instigando o debate com perguntas para além das que serão analisadas no presente estudo –, que outros objetos consumidos seguem com a função de perpetuar ideias?

O interesse pela Revolução Cultural Chinesa surge não apenas pela amplitude do movimento ou de objetos e símbolos presentes nele, mas também pela inserção de uma das autoras nos estudos culturais e linguísticos chineses, por dois anos, em uma organização educacional sem fins lucrativos: o Instituto Confúcio, que é vinculado ao Ministério da Educação da República Popular da China. Essa experiência permitiu o contato direto com professores e estudantes nativos, além de ampliar o interesse pelas dimensões culturais e políticas da China.

O aprendizado do idioma e a convivência com pessoas chinesas foram fundamentais para compreender melhor a complexidade do país e desenvolver uma curiosidade crescente sobre o contexto histórico e ideológico. A partir de obras cinematográficas³ e de leituras, como de Zhensheng (2003) e Ôtié e Kunwu (2015), repletas de relatos sobre a revolução e sobre a presença – silenciosa e ao mesmo tempo marcante – de determinados símbolos, consolidou-se o desejo de investigar o período. Dessa aproximação surgiu o presente trabalho, no qual se propõe compreender de que modo “O livro vermelho” atuava como um mediador na circulação de narrativas políticas durante a Revolução Cultural Chinesa, observando-o tanto pela perspectiva do consumo simbólico quanto pela materialidade do item.

As medidas governamentais regulamentárias (que potencializam a cada ano) tornam períodos como o da Revolução Cultural Chinesa extremamente delicados e complexos, a considerar as diferentes esferas que atuaram e impactaram a vidas das pessoas e da sociedade como um todo. Por isso, a sensibilidade do tema foi um fator que orientou todas as etapas da pesquisa – desde a seleção do material bibliográfico e levantamento documental, passando pela escolha da metodologia e indo até a escrita das observações.

Nesse processo é importante mencionar que, embora uma das autoras tenha estudado o idioma mandarim no Instituto Confúcio, essa aproximação não se traduziu em foco de

³ No cinema, destaca-se o filme “Adeus, minha concubina”, de 1993. A produção é uma adaptação de uma peça teatral chinesa renomada e acompanha a vida de dois homens: Cheng Dieyi e Duan Xiaolou. Os dois se conhecem quando crianças e passam a ser companheiros de palco. O filme mostra a relação dos personagens durante o período da República da China, da Revolução Cultural e da modernização chinesa. A Revolução Cultural é um dos contextos mais importantes da trama.

entrevistas. Em respeito à complexidade do tema, optou-se por não associar diretamente os colaboradores do instituto à pesquisa. Ainda assim, o contato estabelecido com professores e profissionais chineses foi essencial para o desenvolvimento do estudo: em alguns momentos, contribuíram de forma informal, seja indicando possíveis entrevistados, seja ajudando em dúvidas sobre o contexto histórico da Revolução Cultural, ou mesmo sugerindo obras literárias e cinematográficas. Essa convivência ampliou a compreensão sobre a China e permitiu que a pesquisa fosse conduzida com maior cuidado e respeito.

Tendo isso em vista, para a produção do trabalho, optou-se por realizar quatro entrevistas em profundidade com chineses nativos – indivíduos nascidos e socializados na China. A seleção dos entrevistados ocorreu por meio da técnica de amostragem em bola de neve, técnica útil para pesquisas com grupos de difícil acesso – e desse contexto, surge a importância de se conhecer pessoas pertencentes aos grupos para localizar mais informantes (Bockorni; Gomes, 2021). Para a primeira entrevista foram mobilizadas redes de contato com chineses residentes no Brasil com experiência de socialização na China. Esse ponto de partida foi adotado pelos contatos previamente estabelecidos ao longo da vivência acadêmica de uma das autoras com o estudo do idioma e da cultura chinesa, o que possibilitou criar a rede de indicações.

A partir desse contato inicial foram solicitadas indicações de outras pessoas que pudessem contribuir com o estudo. Não houve exigência quanto ao local de residência **atual** dos participantes, seja no Brasil, na China ou em outros países, já que as entrevistas poderiam ser realizadas de forma remota. Assim, três entrevistas ocorreram em ambiente virtual, via Google Meet, enquanto a primeira foi realizada presencialmente⁴. Norteadas por um roteiro semiestruturado, com as perguntas se buscou, de forma geral, acionar memórias individuais sobre o período, dialogar sobre a sensibilidade do tema, além de comentar significados atribuídos a objetos da época, bem como ao “O livro vermelho”. A proposta foi, desde o início, olhar as entrevistas não como fonte de dados e conclusões absolutas, mas como pontos de reflexão que as interlocuções trouxeram à luz.

As entrevistas foram realizadas entre dezembro de 2024 e fevereiro de 2025, com duração média de 45 minutos. O grau de abertura de cada interlocutor orientou a dinâmica

⁴ Todas as entrevistas foram realizadas em inglês.

das conversas: algumas interações foram mais breves, com cerca de 30 minutos, quando se percebia certa reserva por parte da pessoa entrevistada, enquanto outras se estenderam por até quatro horas. Por questões de privacidade os entrevistados estão identificados de forma numérica ao longo do estudo – decisão acordada com eles, já que a participação só foi possível com a garantia de anonimato⁵.

Após cada encontro foi realizado um processo de reescuta e transcrição da entrevista, essenciais para aprofundar a compreensão sobre o tema, identificar novas potencialidades de análise e como forma de preparação para as conversas seguintes. Em seguida as entrevistas foram submetidas a um processo de análise temática, orientada pela identificação de aproximações, recorrências e contrastes nas falas dos interlocutores. A partir da leitura sucessiva das transcrições foram destacados trechos que convergiam com o objetivo e a temática do presente trabalho – percepções sobre o período e sobre a presença da obra “O livro vermelho” no cotidiano, além do papel simbólico do objeto durante a Revolução Cultural. Esses elementos foram organizados e articulados com o referencial teórico mobilizado na pesquisa.

Mesmo que a familiaridade com os estudos chineses tenha servido de ponte para conversar com alguns entrevistados, não foram poucas as dificuldades na realização das conversas. Apesar de diversas tentativas, não foi possível estabelecer diálogos com entrevistadas chinesas⁶. Em alguns casos, as delicadezas do tema despertaram cautela ou desconforto por parte dos interlocutores, o que fez com que determinadas conversas estagnassem. A presença silenciosa e constante do governo chinês se manifestou de forma sutil, tendo provocado até certos estranhamentos quando algumas questões políticas eram levantadas. Também não foi possível entrevistar pessoas de gerações anteriores, principalmente pelas barreiras linguísticas e culturais mais acentuadas, que dificultaram o

⁵ Os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e concordaram voluntariamente em participar mediante consentimento livre e esclarecido. O registro desse consentimento encontra-se arquivado pelas autoras. Todos os dados foram armazenados e analisados de modo a preservar a confidencialidade dos participantes.

⁶ Os entrevistados homens foram perguntados sobre a possibilidade de conversar com amigas ou familiares mulheres, mas fatores como indisponibilidade e barreiras linguísticas foram mencionadas. A ausência de vozes femininas na pesquisa é um ponto que chama atenção e faz refletir sobre questões de gênero – algo que ainda desejamos investigar com mais profundidade.

estabelecimento de contato. Por essas limitações, as entrevistas foram realizadas com indivíduos entre 24 e 26 anos, todos nascidos e socializados na China⁷.

Diante dos desafios enfrentados, considera-se que as pessoas entrevistadas possibilitaram compreender os rastros deixados pelos objetos – no caso do presente estudo, da obra “O livro vermelho”. O fato de os interlocutores não terem vivido diretamente o período pode ter favorecido uma maior liberdade nas reflexões e críticas sobre a revolução e seus símbolos materiais. Cabe ressaltar que o presente estudo não tem a pretensão de abarcar toda a complexidade histórica, política e cultural da Revolução Cultural Chinesa, tampouco de oferecer interpretações universalizantes sobre o período. Reconhece-se, desde o ponto de partida metodológico, as limitações de profundidade e de representatividade do *corpus* empírico, composto por um número reduzido de interlocutores.

Ainda assim, as entrevistas realizadas revelaram uma diversidade de percepções e sensibilidades suficientes para evidenciar a profundidade reflexiva que o tema carrega. O próprio desenho metodológico mostrou seus desafios – como a ausência de entrevistadas mulheres, resultado das dificuldades de acesso a determinados grupos –, mas também confirmou a riqueza do campo e a capacidade que o tema possui de suscitar novos questionamentos. O estudo pode ser considerado uma contribuição pontual dentro de um vasto caleidoscópio de possibilidades analíticas sobre a Revolução Cultural Chinesa e seus desdobramentos simbólicos e materiais, como a própria obra “O livro vermelho”.

Fez-se um levantamento bibliográfico e documental, analisando arquivos, matérias, documentários e livros produzidos sobre/durante a Revolução Cultural. Destaca-se a observação participante de uma das autoras em eventos da cultura chinesa ocorridos na cidade de Belém (PA), em 2024. As categorias de estudo cultura material (Miller, 2013) e consumo (McCracken, 2007) guiam as observações da presente produção, além de referenciais sobre a Revolução Cultural Chinesa. Assim, o trabalho inicia com contextualizações iniciais sobre o período, além de informações sobre o livro – questões como as estratégias sobre o formato do objeto, números de cópias distribuídas, dentre outros aspectos. Em seguida, tem-se o debate sobre as estratégias de uso do livro para efetivá-lo como um mediador de narrativas políticas.

⁷ As entrevistas foram realizadas com pessoas que tinham entre 24 e 26 anos.

2 REVOLUÇÃO CULTURAL CHINESA: CONTEXTO HISTÓRICO E CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS POLÍTICAS

A Revolução Cultural Chinesa foi um movimento social e cultural, com duração de 10 anos (entre 1966-1976). Tinha como objetivo principal a destruição da ideologia burguesa na sociedade chinesa, na academia e na cultura, sendo a mobilização das massas fundamental para o feito (Daefiol; Mulza, 2023). Para o sucesso da revolução, era necessário “transformar os pensamentos, a cultura, os hábitos e os costumes antigos, [...] criticar as autoridades acadêmicas reacionárias, [...] reformar a estrutura de ensino, a literatura, a arte e todos os demais ramos da superestrutura” (Pomar, 2003, p. 98).

O movimento teve, desde o início, uma forte orientação para as comunidades chinesas do campo, segmento majoritário da China na época. Mao Tsé-Tung os considerava a base para a revolução socialista, e, de fato, a atuação no campo fora primordial para o sucesso da Revolução Comunista no país em 1949, que culminou na fundação da República Popular da China (Pomar, 2003). Ao contrário das elites urbanas, que passaram a ser enxergadas negativamente, os trabalhadores do campo foram elevados à condição de sujeitos centrais das políticas maoístas.

O campo era sinônimo de aprendizado, força e vitalidade – inúmeras campanhas (Figura 2) foram formuladas para que jovens chineses fossem ao campo para trabalhar coletivamente e abandonar ideias burguesas (Zhensheng, 2003). De acordo com o Interlocutor 2, “a Revolução Cultural é sobre levar intelectuais, professores, mestres, o acadêmico para o campo”.

Figura 2 - *Poster* de 1969, campanha “Subir as montanhas, descer às aldeias”⁸. “O livro vermelho” acompanha os cidadãos chineses



Fonte: Landsberger e Heijden ([2007]).

Esse deslocamento para o campo não era apenas físico, era simbólico e ideológico. O espaço rural tornou-se um cenário pedagógico onde os valores revolucionários deveriam ser aprendidos, vivenciados e replicados. Nesse contexto, a produção e circulação de objetos – como cartazes, faixas e exemplares da obra “O livro vermelho” – funcionavam como instrumentos de ensino político e moral. Os elementos eram pensados para reforçar narrativas de disciplina coletiva e protagonismo do campo. Nos cartazes, por exemplo, os trabalhadores rurais apareciam em posição central, representados como protagonistas da Revolução, muitas vezes erguendo “O livro vermelho” como símbolo de lealdade e protagonismo político (Benewick; Donald, 2003).

A Revolução Cultural Chinesa, contudo, é um dos períodos mais complexos da história recente do país, marcado por transformações profundas e por tensões políticas e sociais. As ações do movimento, conduzidas com intensa mobilização popular, geraram tanto engajamento coletivo quanto episódios de conflito e repressão. Sessões de autocríticas, humilhações públicas e espancamentos pela reeducação tornaram-se práticas recorrentes em diversos contextos (Figura 3). Pomar (2003) observa que o período foi caracterizado por

⁸ Traduzido do chinês: “A juventude educada deve ir para o campo para receber reeducação dos camponeses pobres e de classe média baixa!”.

excessos e contradições, refletindo as disputas em torno do rumo da Revolução. Para a Fonte 4 (2025, tradução nossa), o movimento foi “uma aposta política de Mao (Tsé-Tung) [...] Mao queria liberação política, emancipação, mas infelizmente o movimento terminou em tragédia”.

Figura 3 - Um grupo rebelde força os líderes de um grupo rival a se ajoelharem e serem criticados do lado de fora do North Plaza Hotel de Harbin, em 17 de janeiro de 1967



Fonte: Zhensheng⁹, Pledge e Menasche (2003, p. 152).

Mais do que avaliar quais foram as condutas certas e/ou erradas da revolução, destaca-se que o movimento mobilizou boa parte da sociedade chinesa, deixando uma marca no país e nos cidadãos. Nas palavras da Fonte 4 (2025, tradução nossa), “por causa da Revolução Cultural, existe um antes e um depois na China”. O espírito revolucionário presente em grande parte da sociedade chinesa era inegável. Li Zhensheng, fotógrafo da época, relata que, no dia 16 de maio de 1966, quando o comitê do Partido Comunista anunciou o início do movimento, “as pessoas estavam genuinamente animadas. O entusiasmo delas era real [...] no começo do movimento, eu estava muito animado também” (Zhensheng, 2003, p. 71, tradução nossa). Mobilizar a comunidade era importante, mas disseminar narrativas políticas

⁹ Li Zhensheng foi um fotojornalista importante durante a revolução. Além das fotografias dos momentos revolucionários da época, Li também capturou as punições e violências da RCC. Alguns registros estão disponíveis em: <https://red-colornewssoldier.com/index.html>. Acesso em: 1º fev. 2025.

capazes de legitimar os objetivos do movimento e moldar as percepções sobre Mao, a revolução e o partido eram fundamentais.

Para que a mobilização de diferentes indivíduos fosse efetivada eram necessários objetos comunicacionais acionadores, próprios da revolução. Os exemplos são diversos: pôsteres, *slogans*, fotografias, itens decorativos, dentre outros materiais, próprios do momento – que seguiam determinada estética (Figura 4). “Nós chamamos de estética comunista. Tem muito a ver com a estética soviética, com a classe trabalhadora. A China é vermelha”, (Fonte 2, 2024, tradução nossa). É dentro desse contexto que surgiram itens como “O livro vermelho”, consumido diariamente no desenvolvimento da Revolução Cultural e na circulação das narrativas políticas da época (Leese, 2011).

Figura 4 - “O livro vermelho”, louça¹⁰, broches, faixa vermelha utilizada por guardas vermelhos, relógio, *poster*



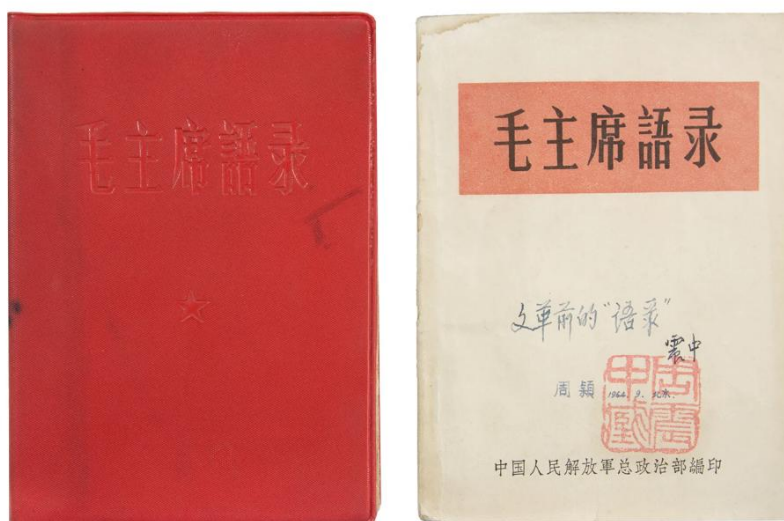
Fonte: Colagem feita a partir de fotos da internet disponíveis em: <https://www.gettyimages.com.br/>. Acesso em: 1º jul. 2025.

¹⁰ O título da imagem compõe a arte do prato. “Presidente Mao a caminho de Anyuan” é uma pintura a óleo de 1967, de Liu Chun Hua.

Daniel Miller explica a existência de uma humildade natural das coisas: elas atuam como uma moldura que orienta nossas percepções do que é considerado adequado (ou não) e fazem isso sem que tomemos conta. O autor menciona ainda que “[...] essa tendência pode tornar os trechos muito poderosos quando postos a serviço de uma ideologia” (Miller, 2013, p. 123). Dentro da Revolução Cultural Chinesa esses objetos, recheados de narrativas políticas, eram consumidos diariamente e carregavam um forte poder comunicativo.

“O livro vermelho” ou “Citações do presidente Mao Tsé-Tung”, por exemplo, é uma coletânea de discursos oficiais, frases curtas e fragmentos de escritos de Mao. O livro surgiu de uma inquietação de Lin Biao, ministro de Defesa Nacional, em uma inspeção de tropas em 1961. Lin Biao queria que frases de Mao fossem impressas frequentemente nos jornais do exército, o objetivo era que os soldados recebessem, a qualquer momento e condição, orientações do presidente (Leese, 2011). A partir do pedido do ministro, estratégias surgiram para que as palavras de Mao fossem transportadas de maneira eficaz e constante; era necessário um objeto que não fosse apenas periódico, mas que estivesse disponível para consulta a qualquer hora do dia pelos soldados. Eis que surge o livro (Figura 5).

Figura 5 - O “O livro vermelho”, segunda edição, 1964



Fonte: Mao (1964).

A primeira edição da obra “O livro vermelho” foi lançada internamente na China no dia 16 de maio de 1964 (Leese, 2011). Direcionado ao exército chinês, o livro tinha um formato

pequeno para que os soldados pudessem guardá-lo no bolso¹¹, além de apresentar menor custo de produção, como menciona a Fonte 2 (2024, tradução nossa): “o livro foi pensado para que as pessoas pudessem carregá-lo para qualquer lugar. As palavras de Mao Tsé-Tung poderiam ser utilizadas no dia a dia, isso justificava o formato compacto. E, claro, devo mencionar o custo... era mais acessível”.

Além do formato compacto e do baixo custo de produção, características estruturais da obra “O livro vermelho” e elementos culturais da sociedade chinesa – como o valor atribuído à repetição e à cópia – foram fundamentais para ampliar a presença, a influência e o consumo do objeto durante a Revolução Cultural. Esses fatores contribuíram para que o livro se tornasse não apenas um material de leitura, mas também um instrumento cotidiano de internalização do pensamento maoísta.

3 ESTRATÉGIAS DE CIRCULAÇÃO E FIXAÇÃO DE “O LIVRO VERMELHO”

Mais que um simples manuscrito, “o livro vermelho” transformou-se em um artefato central na construção e sustentação da Revolução Cultural; “todas as pessoas o estudavam, recitavam – desde departamentos do governo até cidadãos comuns, em fábricas, no campo, no exército – todos deveriam aprendê-lo, recitá-lo, demonstrar sua lealdade” (Fonte 3, 2025, tradução nossa). Wydra (2012) menciona que símbolos e objetos materiais ressoam na história da humanidade por meio do imaginário social, de sistemas de valores religiosos e, no caso do presente artigo, das ideologias políticas. Esses símbolos e itens são capazes de legitimar estruturas hierárquicas de poder, além de dar significado ao que é comum, habitual – como um simples livro.

Esse potencial simbólico da obra “O livro vermelho” foi mobilizado intencionalmente pelo regime. Para que a revolução seguisse era necessário que a sociedade chinesa não apenas internalizasse o pensamento maoísta, mas também o praticasse cotidianamente. Era necessário, ainda, que “O livro vermelho” tornasse tangível o intangível: a presença de Mao Tsé-Tung, que era restrita a um pequeno grupo político. Miller (2013, p. 111) afirma que “algumas coisas e algumas pessoas devem ser vistas como mais materiais que outras”, e para que Mao Tsé-Tung se tornasse presente, tangível e efetivo, o tamanho, o estímulo e até

¹¹ Por isso também é conhecido como “O pequeno livro vermelho”.

mesmo a estrutura interna da obra “O livro vermelho” deveriam ser estratégicos – mesmo para o próprio coletivismo e para a força do movimento. “Mao era extremamente estratégico. Ele sabia como conectar o soldado e o intelectual para formar uma unidade forte”, afirma a Fonte 2 (2024, tradução nossa).

Um dos elementos estratégicos do “O livro vermelho” é a estrutura textual: frases curtas, diretas e com vocabulário acessível. Mao Tsé-Tung acreditava que a efetivação da revolução dependia do engajamento da população do campo (Figura 6). Ou seja, a comunicação precisava ser eficaz, os ensinamentos do livro deveriam ser facilmente memorizados para que fossem recitados e repetidos coletivamente. Para a Fonte 4, além da fácil memorização, as frases curtas e simples eram importantes porque permitiam que indivíduos com pouca escolarização também aprendessem e ecoassem os ensinamentos maoístas. “Naquela época haviam poucas pessoas escolarizadas, então elas precisavam de um pequeno livro para se sentirem encorajadas”, relata (Fonte 4, 2025, tradução nossa).

Figura 6 - Pôster de 1970, campanha “Subir as montanhas, descer às aldeias”, “O livro vermelho” como parte essencial da RCC



Fonte: Landsberger e Heijden ([2007]).

Frases como “o poder político nasce do fuzil (Mao, 2012, p. 53) ou “a revolução não é um convite para um jantar” (Mao, 2012, p. 22), curtas e de fácil memorização, são exemplos que condensam as características da narrativa política de Mao Tsé-Tung. A simplicidade das palavras facilitava a internalização do discurso e permitia que os ensinamentos do presidente, reunidos no livro, tornassem-se parte da linguagem comum da comunidade chinesa (Leese, 2011). A escolha estilística dos textos não era casual, estava alinhada à campanha de engajamento e educação para as populações do campo – base estratégica para o avanço da revolução. Como menciona a Fonte 2 (2024, tradução nossa), “esse era o estilo do Presidente Mao. Suas frases eram sempre assim [...] mais informais e simples, direcionada para os que moram no campo”.

McCracken (2007, p. 103) afirma que os princípios culturais se materializam nos objetos e que, quando carregados nas sutilezas do cotidiano, esses objetos ajudam na estruturação do mundo – ou seja, “os bens são tanto as criações como os criadores do mundo culturalmente constituído”. No contexto da Revolução Cultural o livro atuava – para além de um suporte de ideias –, como elemento ativo na criação de um senso coletivo e de lealdade revolucionária, justamente pela estrutura física e estilística. Mao Tsé-Tung buscava alcançar, influenciar e aproximar soldados, intelectuais e camponeses na construção de um sentimento de unidade política.

O senso coletivo também era estimulado pelas práticas de uso e consumo compartilhado da obra “O livro vermelho”: pessoas se reuniam para lê-lo em voz alta, recitar frases em grupo ou copiar trechos à mão – transformando o ato da repetição em uma espécie de ritual político. Leese (2011) menciona a formação de grupos de leituras dedicados às obras do presidente Mao, em que havia o registro do avanço de cada participante. Li Zhensheng, fotógrafo chinês, registra a onipresença do livro em inúmeras ocasiões, as imagens mostram leituras coletivas feitas por aviadores (Figura 7) e até mesmo pacientes em hospitais (Figura 8), que seguravam o livro enquanto reverenciavam uma fotografia de Mao Tsé-Tung.

Figura 7 - Pilotos do Exército de Libertação Popular (PLA) leem o “O livro vermelho” antes de decolar para uma missão de treinamento de voo, 1969



Fonte: Zhensheng, Pledge e Menasche (2003, p. 234).

Figura 8 - Pacientes do hospital militar fazem seu juramento matinal de lealdade diante da foto de Mao Tsé-Tung, com o “O livro vermelho”, 1968



Fonte: Zhensheng, Pledge e Menasche (2003, p. 223).

As práticas de uso e consumo coletivo da obra “O livro vermelho” – promovidas (in)formalmente pelo governo chinês e incorporadas pela população – reforçavam a continuidade e permanência das ideias de Mao Tsé-Tung ao longo do tempo. Perez (2020) afirma que ritualizamos momentos com o apoio de objetos, materiais e acessórios. É por meio

do consumo desses itens que buscamos a continuidade dos ritos, das ideias e dos próprios artefatos; desejamos apreendê-los, assim como as mensagens que carregam.

Durante as entrevistas, indagamos qual seria o lugar da obra “O livro vermelho” na China contemporânea. Embora nenhum dos entrevistados se sentisse à vontade para afirmar algo que representasse a totalidade do país, todos expressaram percepções semelhantes em relação ao livro: para eles, trata-se, hoje, de um objeto associado ao passado. Para a Fonte 1 (2025, tradução nossa), “o livro não é importante para mim, eu até o acho um pouco engraçado [...], mas durante a Revolução, sim, era importante”. A Fonte 2 reforça: “hoje em dia não é nada comum ter o livro [...] a China é um país extremamente rápido, inúmeras transformações acontecem por aqui” (Fonte 2, 2024, tradução nossa). A rapidez nas transformações políticas e sociais também foi mencionada pela Fonte 4: “sinceramente, a China é um país rápido, tudo é rápido, tudo se transforma rapidamente” (Fonte 4, 2025, tradução nossa).

A percepção dos entrevistados também pode ser relacionada com transformações mais amplas nas dinâmicas de consumo – mercadológico e político – da China contemporânea. Zhang (2017) afirma que, durante o período maoísta práticas de consumo eram fortemente vinculadas ao Partido – objetos como o “O livro vermelho”, broches com a imagem de Mao ou faixas utilizadas pelos apoiadores do movimento. Dentro desse cenário, bens associados ao consumo individualmente eram frequentemente identificados como expressões da burguesia e, portanto, rejeitados.

Com as transformações econômicas e sociais iniciadas nas décadas posteriores – especialmente a partir das reformas promovidas por Deng Xiaoping¹² – esse cenário foi modificado. A introdução de mecanismos de economia de mercado produziu mudanças nas práticas de consumo e no próprio sistema de valores da sociedade chinesa; o consumo contemporâneo na China passou a combinar elementos tradicionalmente presentes na cultura do país com influências associadas ao mercado e a valores ocidentais (Zhang, 2017). Nesse processo o consumo político perdeu parte da centralidade que ocupava durante o período revolucionário.

¹² Presidente da República Popular da China entre 1978 e 1992. Após a morte de Mao Tsé-Tung, Deng Xiaoping conduziu um golpe na China por uma série de reformas econômicas que divergiam dos ideais marxistas seguidos por Mao.

Além disso, o sentido e a memória da própria revolução também foram importantes para ressignificar o uso desses objetos e as mensagens que esses objetos carregam. Apesar de ter engajado politicamente grande parte da comunidade chinesa, o período também foi marcado por instabilidades econômicas e sociais, com escassez de bens e reorganização de valores culturais (Zhensheng, 2003). Se, naquele contexto, artefatos vinculados ao Partido e ao líder Mao Tsé-Tung ganharam força e importância – já que ofereciam referências visíveis sobre como agir em meio às transformações em curso, na China contemporânea esses mesmos objetos tendem a assumir novos sentidos, associados à memória da Revolução Cultural.

Essa mudança volta a ecoar nas falas dos entrevistados. Para o interlocutor 2, por exemplo, a própria imagem de Mao Tsé-Tung já não ocupa o mesmo lugar: “hoje em dia, não temos o mesmo respeito pelo presidente Mao e pela teoria dele” (Fonte 2, 2024, tradução nossa). As falas sugerem um distanciamento geracional em relação ao lugar simbólico que esses objetos ocuparam durante a Revolução Cultural e indicam a possibilidade de artefatos como “O livro vermelho” circularem mais como registros materiais de um período histórico do que como instrumentos ativos de mobilização política.

Sabendo que os objetos tornam visíveis os fluxos de significados e carregam imaterialidades – afetos, crenças, ideologias e memórias (McCracken, 2007), é possível entender como algo antes considerado simples pode adquirir centralidade política em determinados contextos. E, à medida que esse contexto é transformado – seja por mudanças rápidas, conscientes ou inconscientes –, o significado do objeto também sofre deslocamento; e, quiçá, volta a ser um objeto considerado simples.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cotidiano, as relações sociais, as revoluções e tantos outros eventos são atravessados por inúmeras materialidades; essas materialidades ajudam a tornar tangível um sentir, um afeto, uma ideia. A Revolução Cultural Chinesa, marcada por processos de disputa simbólica, por mobilização social, por controvérsias e por sensibilidades, é um exemplo de como determinados objetos considerados “simples” podem adquirir centralidade política (e quiçá perder centralidade política). “O livro vermelho”, dentro da dinâmica da Revolução

Cultural, tornou-se um elo entre um grande representante do país, Mao Tsé-Tung, e os indivíduos. E, a partir dos processos políticos, sociais e simbólicos, ressignificou a tangibilidade para além de um amontoado de papel com capa vermelha.

A partir de entrevistas com pessoas nascidas na China, observou-se que “O livro vermelho”, a partir de uma estrutura estrategicamente pensada, estabeleceu-se como um objeto central de sustentação e construção das narrativas políticas de Mao Tsé-Tung. No primeiro momento do artigo discutiu-se os contextos que envolvem a revolução, bem como os objetos consumidos simbolicamente pela comunidade chinesa, pensados para apregoar as ideias vigentes – dentre esses objetos, o livro. No segundo momento, mostrou-se algumas das estratégias pensadas para tornar “O livro vermelho” parte inseparável da experiência cotidiana, consumido diariamente de forma despercebida: a fácil portabilidade (pelo tamanho), a linguagem acessível e a repetição constante de frases curtas, feitas, inclusive, coletivamente. Esses fatores contribuíram para a apropriação coletiva do conteúdo ali presente e para a fixação das mensagens políticas no imaginário social.

Miller (2005) afirma que a relação com a materialidade é a força motriz por trás das tentativas da humanidade de modificar o mundo de acordo com as próprias crenças de como o mundo deveria ser. “O livro vermelho”, além de reflexo de um momento histórico e de um movimento com as próprias particularidades, também foi um objeto ativo na tentativa de construção de uma nova ordem política. Entendê-lo como objeto comunicacional, político, simbólico e ritual permite não só compreender parte das dinâmicas da Revolução Cultural, mas também refletir sobre como os itens moldam (e são moldados) por sistemas de poder e pelas transformações sociais ao longo do tempo.

Os questionamentos acionados pelo trabalho podem se desdobrar em diferentes contextos e diferentes momentos. A partir das próprias entrevistas surgem perguntas sobre o lugar da obra “O livro vermelho” na China que conhecemos hoje; surgem também dúvidas sobre quais outros objetos consumidos atualmente seguem com a função de perpetuar ideias – não apenas na China, mas no Brasil também. Quais objetos, presentes no nosso cotidiano, carregam mensagens políticas? O que eles evocam? E quantos desses objetos, hoje vistos como banais, podem se tornar centrais em disputas simbólicas e em jogos de poder? Refletir sobre a cultura material é também refletir sobre o presente e sobre os sentidos que

(re)construímos com aquilo que tocamos, repetimos, consumimos e performamos todos os dias.

REFERÊNCIAS

BENEWICK, Robert; DONALD, Stephanie Hemelryk. Treasuring the Word: Mao, Depoliticisation and the Material Present of Related Interest. *In*: BENEWICK, Robert; BLECHER, Marc; COOK, Sarah. **Asian Politics in Development: Essays in Honour of Gordon White**. 2003. p. 66-83.

BOCKORNI, Beatriz Rodrigues Silva; GOMES, Almiralva Ferraz. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, Curitiba, v. 22, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/empresarial/article/view/8346>. Acesso em: 1º jul. 2025.

DAEFIOL, Regina Célia; MULZA, Giovana Eloá. “Destruir o mundo antigo e forjar o mundo novo”: imagens da Revolução Cultural Chinesa e o ensino de História. **Ensino de História & história Contemporânea**, Maringá, v. 87020, p. 37, 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/IFHy>. Acesso em: 1º jul. 2025.

LANDSBERGER, Stefan R.; HEIJDEN, Marien van der. **Chinese posters**. Amsterdam: Chinese Posters Foundation, [2007]. Disponível em: <https://chineseposters.net/>. Acesso em: 1º jul. 2025.

LEESE, Daniel. **Mao cult: Rhetoric and Ritual in China's Cultural Revolution**. New York: Cambridge University Press, 2011.

LI, Xing. The Chinese Cultural Revolution Revisited. **China Review**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 137-165, Fall 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23461931>. Acesso em: 1º jul. 2025.

LUCAS, John. China intensifica vigilância e persegue seguidores de críticos do regime na internet. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 24 set. 2024. Disponível em:

MAO, Tsé-Tung. **O livro vermelho**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

MAO, Tse-Tung. **Little Red Book: Quotations from Chairman Mao**. Londres: Shapero Rare Books, 1964. Disponível em: <https://shapero.com/products/mao-tse-tung-little-red-book-quotations-chairman-mao-99372>. Acesso em: 1º jul. 2025.

MCCRACKEN, Grant. Cultura e consumo: uma explicação teórica da estrutura e do movimento do significado cultural dos bens de consumo. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 99-115, 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rae/a/v4jhqtDxxrkmsrSkmKyjM8p/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 1º jul. 2025.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ÔTIÉ, Philippe; KUNWU, Li. **Uma vida chinesa**. Parte I: O tempo do pai. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

PEREZ, Clotilde. **Há limites para o consumo?** Barueri: Estação das Letras e Cores Editora, 2020.

POMAR, Wladimir. **A revolução chinesa**. São Paulo: Unesp, 2003.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 4, p. 265-282, 1996. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/anaismp/a/JNDbcs773QLQfh84cPBRyjH/?lang=pt>. Acesso em: 1º jul. 2025.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WINNER, Langdon. Do Artifacts Have Politics? *In*: WINNER, Langdon. **The Whale and The Reactor**: A Search for Limits in An Age of High Technology. Chicago: The University of Chicago Press, 1986. p. 19-39.

WYDRA, Harald. The Power of Symbols: Communism and Beyond. **International Journal of Politics, Culture, and Society**, [s. l.], v. 25, p. 49-69, 2012. Disponível em:

<https://link.springer.com/article/10.1007/s10767-011-9116-x>. Acesso em: 1º jul. 2025.

ZHANG, Weiwei. No Cultural Revolution? Continuity and Change in Consumption Patterns in Contemporary China. **Journal of Consumer Culture**, [s. l.], v. 17, n. 3, p. 639-658, 2017.

Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1469540515611201>. Acesso em: 1º jul. 2025.

ZHENSHENG, Li; PLEDGE, Robert; MENASCHE, Jacques. **Red-Color News Soldier**: A Chinese Photographer's Odyssey Through the Cultural Revolution. London: Phaidon Press Limited, 2003. Disponível em: <https://red-colornewssoldier.com/index.html>. Acesso em: 1º jul. 2025.

Histórico do artigo:

Submetido: 23 out. 2025 | Aceito: 10 mar. 2026 | Publicado: 08 maio 2026.